



O AUMENTO DOS CASOS DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA AS MULHERES NOS AMBIENTES ECLESIAIS; UMA QUESTÃO DE GÊNERO, DE PODER E DE HERMENÊUTICA.

Zaraí Gonzalía Polanco¹

Resumo: Este texto aborda a temática da violência que se apresenta contra as mulheres ao interior de lares e comunidades eclesiais, assim como questões de gênero e de poder que perpassam as ações violentas exercidas por alguns membros da liderança. Insiste na urgência de reconhecer, refletir e abordar as situações de desigualdade, suas causas e consequências. Finalmente mostra a importância de agir a favor da defesa e da dignidade da mulher; a formação de espaços de reflexão e acompanhamento sobre este assunto e também, o exercício de uma hermenêutica liberadora que não use o texto bíblico, de forma indevida, com o propósito de oprimir e legitimar qualquer ação violenta nestes espaços.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Comunidade eclesial. Teologia Feminista. Acompanhamento. Hermenêutica.

Abstract: This text addresses the theme of violence against women in the home and in ecclesial communities, in particular, as well as gender and power issues that pervade the violent actions of some members of the leadership. It insists on the urgency of recognizing, reflecting and addressing situations of inequality, their causes and consequences. Finally, it shows the importance of acting for the defense and dignity of women; the formation of spaces for reflection and accompaniment on this subject and also the exercise of a liberating hermeneutic that doesn't misuse the biblical text, with the purpose of oppressing and legitimizing any violent action in these spaces.

Keywords: Violence against women. Ecclesial community. Feminist theology. Accompaniment. Hermeneutic.

¹ Zaraí Gonzalía Polanco é Mestra e Doutoranda da Faculdades EST. Contato: zaraígonzalia@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na atualidade, não é difícil perceber como em muitos espaços familiares, comunitários e eclesiais, se tenta, a todo custo, disfarçar e ocultar ações violentas contra as mulheres, quando compactuando com a omissão e o silêncio, se permite que situações extremas continuem sucedendo. A violência contra as mulheres é um assunto que deve ser superado e para isso se requer de esforços conjuntos e não só individuais. Requer-se do compromisso autêntico das pessoas cristãs, da comunidade eclesial e da sua liderança; assim como também, da sociedade em geral e da liderança política. Este assunto permeia todos os espaços da sociedade, inclusive os lares cristãos.

O caso sobre o qual se reflete é um caso real, acontecido na Colômbia, e serve de exemplo para ilustrar e questionar alguns dos mecanismos de poder, exercidos em comunidades eclesiais, que contribuem a perpetuar situações de violência contra as mulheres e a engrossar as estatísticas de abuso e feminicídio no mundo inteiro. O artigo é fruto do acompanhamento realizado a uma mulher de 39 anos, vítima de violência familiar (por parte do seu companheiro, líder de uma comunidade) e institucional, (por parte da liderança da comunidade eclesial da qual fazem parte). Este põe, mais uma vez, sobre a lente da teologia feminista o assunto espinhoso da violência contra as mulheres dentro das comunidades e lares cristãos, assunto que continua a ser uma realidade "tabu" sobre a qual poucos e poucas querem enveredar-se, mas que requer de atenção urgente.

A reflexão faz uso dos estudos da teologia feminista como categoria de análises, que permite desvelar e perceber alguns dos mecanismos e ações violentas dentro de comunidades eclesiais, muitas vezes dissimuladas sob o pretexto do "mandato divino". São apresentadas também algumas estatísticas sobre situações de violência contra as mulheres, tanto no ambiente secular quanto no ambiente eclesial, visibilizando assim realidades de violência vividas por mulheres na intimidade dos lares cristãos. Por último, apresenta algumas propostas para a abordagem de situações de violência contra as mulheres nestes espaços.

A HISTORIA DE TANIA, A HISTORIA DE MILHES.

Tania, mãe de três (3) filhos, decidiu sair de casa quando tinha 15 porque não suportava conviver com o padrasto, porque tinha tentado abusar dela. Contou pra sua mãe, mas ela não acreditou e culpou-a de ser quem provocara o seu marido, assim que Tania decidiu fugir com seu namorado. Pouco depois, Tania ficou grávida, estava feliz, mais tudo mudou no sétimo mês da sua gravidez, quando seu marido João foi morto. Sentindo-se sozinha e frustrada e teve que procurar um emprego, pois precisava prover bem estar para ela e seu filho que vinha a caminho.

Um dia, foi convidada para ir numa igreja pentecostal e aceitou “algo me motivou” diz. Poucas semanas depois, um dos líderes da comunidade (Luiz), começou visitar os lares para fazer estudos bíblicos, e sua casa foi uma das escolhidas para as reuniões. Com o tempo, Luiz foi conhecendo a sua história e passado mais o menos um ano, lhe propôs casamento. Tania estava feliz, “sentia que tinha pegado o céu com as mãos”, se perguntava: o que mais posso pedir á vida? vou me casar pela igreja, como Deus manda!. Um jovem bom tinha-se interessado nela e queria se casar, ainda que já tivesse um filho de outro. “Qualquer um não faz isso” expressou. Pouco depois, Tania casou e ficou grávida de novo, desta vez seria uma menina! Estava feliz e Luiz também. Passado um tempo, Luiz começou mudar; deixou de ser o esposo compreensivo e amoroso; chegava tarde a casa, com cheiro de bebida e além, se tornou agressivo. Começaram as reclamações e com eles os maus tratos. A insultava, não lhe permitia sair de casa e muitas vezes, bateu nela. Tania não sabia o que estava acontecendo, estava confusa. Suas palavras foram: “Comecei a viver meu próprio inferno sem poder falar pra ninguém o que estava acontecendo, e tendo que fingir na comunidade, pois ele era um dos líderes. Ninguém ia acreditar em mim”.

Algo estava errado com Luiz, mas ela pensou que só eram fofocas das vizinhas, que tinham inveja dela por ter sido a escolhida para casar com Luiz. Tania soube-se grávida do seu terceiro filho e pensou que com isto seu casamento com Luiz melhoraria. Ele queria um filho homem e ela esperava um. Fizeram felizes e Luiz mudou, mais só por pouco tempo. As agressões continuaram e agora era abusada até sexualmente. Uma irmã da comunidade

soube que Luiz enganava a Tania e decidiu contar-lhe o que tinha visto. Pouco depois, Tania comprovou que Luiz a traía com a esposa do seu irmão casula. Ela decidiu se separar e não voltar na igreja. Perguntava-se: como era possível que Luiz, sendo um líder da comunidade fosse capaz de fazer todas essas coisas e, além, ter a desvergonha de continuar pregando no púlpito e falando da família, do respeito e muitas coisas mais, que ele não fazia?

Separar-se lhe significou arcar com as responsabilidades da casa, então, a avó do seu primeiro filho arrumou um emprego para ela numa outra igreja. Sua mãe a ajudaria com o cuidado das crianças em quanto ela trabalhava. Tania se sentiu muito feliz, agora poderia continuar com sua vida sem depender do seu marido; mas o dinheiro que ganha não alcança para pagar às despeças da casa e seu marido não aporta nada para as despesas das crianças. Além, agora está estudando e, mais do que nunca, precisa do dinheiro para as crianças, mas Luiz só inferniza sua vida cada vez que ele quer.

Várias amigas e sua mãe sugerem-lhe que registre uma ocorrência, na delegacia da mulher. Como consequência disto, os líderes da igreja ficam sabendo da situação e chamam a Tania para conversar. Segundo Ela, na conversa, eles defendem a Luiz, e dizem que ela é obrigada a recebê-lo de volta em casa, porque ele como homem é a “cabeça da família”. Falaram para ela que tinha que lembrar que estavam casados pela igreja, que o casamento é pra sempre, que o que Deus uniu nada nem ninguém podia separar; que considerasse que Luiz era um líder e que isso poderia afetar não só sua imagem mais também a da comunidade. Além, disso lhe foi perguntado se não tinha feito alguma coisa que incomodou o Luiz para que ele se comportasse desse jeito. Tania se sente culpada e culpável, então permite que seu marido volte a casa, mas com a condição de que não deixará seu trabalho. Inconformado, Luiz aceita. O tempo passa e a situação de maltrato e violência não muda.

Na nova igreja onde ela agora trabalha, aos poucos, Tania começa a se interessar pelas atividades que fazem; lá o jeito de falar é diferente e as mulheres podem participar, além, sua chefe a trata com carinho e a escuta. Foi aí que decidiu perguntar-lhe se poderiam se encontrar mais vezes para

“conversar”. “Nas conversas ela me ajudou muito a entender que eu não tinha culpa do que estava acontecendo e também me orientou para buscar ajuda” diz Tania. Depois de um tempo, Tania decide apresentar o pedido de divórcio, pois a última vez que Luiz bateu nela (logo de quase ano e meio de separação) foi muito grave. Ela não conseguiu ir a trabalhar por dois dias. Agora, o processo de divórcio é um fato e Luiz tem proibido chegar perto dela. Ele foi morar com outra mulher e já tem uma nova filha; mesmo assim, incomoda a Tania cada vez que pode. Finalmente os esforços de Tania deram seus frutos: formou-se como profissional de beleza, está divorciada, tem sua casa própria e, embora que sua filha também ficou grávida com 15 anos, ela conseguiu apoiá-la para que terminasse os estudos.

REALIDADES E ESTATÍSTICAS SOBRE GÊNERO Y VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.

O exemplo da Tania retrata o de muitas mulheres adolescentes, jovens e adultas, que num momento das suas vidas tentam pôr ponto final a uma relação de abuso e violência, sem ser conscientes de que, ao mesmo tempo, estão-se tornando vítimas de outras situações mais violentas ainda e, uma das questões que faz que este caso seja tomado como exemplo, é porque ele representa as situações de milhes de mulheres que sendo parte de uma comunidade eclesial, também fazem parte do grupo das que convivem com situações de dupla violência (intrafamiliar e eclesial). O grave é que na maioria das ocasiões, muitos destes casos não saem á luz e terminam engrossando as estatísticas de feminicídios no mundo. Mas também, este é um caso que pode ser considerado como esperançoso, pelo fato da vítima ter conseguido, finalmente, sair com vida, do ciclo de violência. Houve consequências, mas pode ser considerado como um caso de vitória não só frente às estatísticas devastadoras de violência e morte, mas também frente à possibilidade de visibilizar a situação de encobrimento e conivência de muitos líderes de comunidades eclesiais neste sentido. A violência intrafamiliar em lares cristão se faz cada vez mais visível e isto não significa que cada vez mais, estas situações estão deixando de ser consideradas tabus, ou como pertencentes ao

âmbito privado, e, cada vez mais, mulheres estão conseguindo reconhecer, nomear, agir e denunciar.

Segundo varias pesquisas recentes, a violência contra as mulheres vem se fazendo a cada dia mais evidente. Por exemplo, a pesquisa DataSenado² – violência doméstica e familiar contra a mulher (2017 Brasil), mostra que o percentual de violência contra as mulheres passou de 18% em 2015, para 29% em 2017; também mostra que o índice de pessoas que ficaram sabendo de este tipo de situações saltou de 56%, em 2015, para 71%, em 2017. Um dado importante consiste em que as diferencas entre a violência doméstica y familiar contra mulheres varia segundo a cor da sua pele. Por exemplo, a pesquisa mostra que entre as mulheres consideradas brancas o índice é muito menor (57%), que o sofrido entre mulheres pretas (65%), ou pardas (76%); e entre estes índices, a violência sexual contra elas também muda: brancas 11%, pardas 17% e pretas 27%.³

As estatísticas nos ambientes eclesiais não são muito diferentes. Ainda existindo dificuldades em encontrar pesquisas sobre a violência nos ambientes eclesiais, segundo a pesquisa recente da Dra. Daniéli Busanello Krob “Os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento... e um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo.”⁴

A realidade da Tania em muito é semelhante a da própria Krob, como relatado em seu trabalho doutoral⁵ onde ela aponta uma serie de dados com respeito a estas situações no Brasil desde a perspectiva eclesial Luterana. Nele, a Dra. Krob, com sua pergunta sobre se na cidade onde a paróquia/comunidade do/a pastor/a estava localizada aconteciam muitos casos de violência doméstica contra as mulheres, as respostas deixam ao descoberto

² Pesquisa DataSenado de 2017. Disponível em: <http://www.justicadesaia.com.br/pesquisa-data-senado-violencia-domestica-e-familiar-contr-a-mulher-2017>. Consultado em 19 de setembro de 2019.

³ Pesquisa DataSenado de 2017.

⁴ KROB, Daniéli Busanello. Desconstruindo Amélias: musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2013. p. 52

⁵ KROB, Daniéli Busanello. Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso. São Leopoldo, RS, 2017. 175 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/765/1/krob_db_td158.pdf>.

um panorama minimamente assustador.⁶ (13%) relataram não haver muitos casos nas cidades onde trabalham; (60%) responderam que acontecem muitos casos de violência doméstica contra as mulheres na cidade sede do seu local de trabalho e (26%) não souberam responder⁷. Segundo a pesquisadora: “O que esses dados apontam inicialmente é que muitas são as violências veladas que permeiam as relações humanas, mas uma em particular, [...] a violência contra nós, mulheres, é um fato institucionalizado e legitimado dentro da sociedade patriarcal.”⁸ incluindo as comunidades eclesiais.

No seu artigo sobre o tema de violência e Fé⁹ a Pastora Luterana Elaine Neuenfeld também menciona algumas das problemáticas e alguns aspectos importantes para serem considerados em relação a este assunto desde a perspectiva eclesial. Ela aponta que:

Não é possível pensar que mulheres continuem sendo espancadas, machucadas em seu corpo e tendo a sua integridade física ameaçada e ***que o silêncio continue a reinar nas nossas igrejas***. Já ***não queremos e não podemos*** mais ficar com os olhos fechados ou fazendo de conta que não escutamos os gemidos das nossas irmãs que sofrem, muitas vezes em silêncio, por vergonha, por medo, por não encontrarem lugar e espaço para falar d sua dor.¹⁰

Para as comunidades cristãs que desejam seguir os passos de Jesus Cristo, um dos focos principais nos diversos grupos de estudo, nas temáticas, nas reflexões e sermões, deve ser o assunto da violência contra as mulheres. Este precisa ser enfrentado com valentia porque, como menciona Mandy Marshall, “Se refletirmos que cada estatística representa um indivíduo feito à imagem de Deus, a realidade é devastadora.”¹¹ Na medida em que são ocultadas por diversos motivos, histórias como as de Tania são desconhecidas, mesmo assim, também poderia se dizer que são muito conhecidas, no sentido

⁶ KROB, 2017, p 18. De um total de 44 pastoras e pastores de entre 29 e 65 anos, só 23 responderam o questionário. (7 homes, 15 mulheres, 1 não definiu seu sexo).

⁷ KROB, 2017, p 18. Estas cidades tem uma população de entre 42.160 e 1.481.019 habitantes.

⁸ KROB, 2017, p 18

⁹ NEUENFELDT. Disponível em: <https://medium.com/@diaconiabr/artigo-porque-falar-de-viol%C3%A2ncia-contra-as-mulheres-na-igreja-cb3aed08eae8>. Consultado em 16 de Setembro de 2019

¹⁰ NEUENFELDT. Consultado em 16 de setembro de 2019

¹¹ MARSHALL Mandy. Violência Contra Mulheres – Nas Igrejas Também. Disponível em: <http://aliancaevangelica.org.br/index.php/recursos/noticias/261-violencia-contra-mulheres-nas-igrejas-tambem>. Consultado em: 19 de setembro de 2019.

de serem histórias que são conhecidas, pelas amigas, pelas vizinhas e até por pessoas da mesma comunidade; seja no lugar de filhas e filhos de mulheres vítimas dos sistemas de opressão, ou das que favorecem estes sistemas; (neste caso representado pela própria mãe de Tania, quem acusa a filha de ser ela a provocadora do assédio do seu marido); ou como vítimas diretas de acoso sexual. Pode-se dizer então que a história de Tania é também um pouco da nossa história, ainda que vivida desde ângulos /perspectivas diferentes.

Este também é representativo das muitas e muitas mulheres que fazem parte das diversas estatísticas de violência, seja no lugar das que calam e/ou suportam; das que denunciam ou das que estiveram a um passo de pertencer às estatísticas de feminicídio, ou ainda mais, das que conseguiram dar a volta por cima e continuam lutando e animando a outras a lutar. Mesmo assim, um assunto a considerar é o fato de que na sociedade e também nas comunidades eclesiais, ainda se continuam promovendo ideais de relacionamentos ou de casamento, que não condizem com realidades como as de Tania ou como as que muitas mulheres experimentam a diário, e que Krob menciona.

ASPECTOS TEOLÓGICOS. EM QUESTÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, IGREJA E SOCIEDADE FARINHA DO MESMO SACO?

Neste sentido o tabu em relação aos casos de violência nos lares cristãos, como já menciona Krob, tem a ver com as atitudes de conivência e a promoção de ideais de casamento que não condizem com as propostas bíblicas de amor e respeito. Nesse sentido Marshall também aponta:

A violência contra as mulheres é uma realidade chocante que tem permeado a maioria das culturas humanas. Seja ao "fechar os olhos" ou pela pressão religiosa subliminar para "virar a outra face", quando Jesus teria confrontado um mal. A violência contra as mulheres tem sido, muito frequentemente, não contestada pelas igrejas.¹²

Esta realidade da que fala Marshall tem a ver precisamente com questões religiosas, hermenêuticas, teológicas e de poder, concebidas em diversos espaços confessionais. Daí que para Tania fosse uma novidade ter

¹² MARSHALL, 2018.

sido escolhida para ser a esposa de um dos líderes da comunidade, sendo que nesses espaços (pentecostais), a questão da pureza e da virgindade, por exemplo, são algo considerado de suma importância; mas, inicialmente, neste caso, a aparente honestidade de Luiz como líder da comunidade, fizeram com que ela, uma jovem e humilde mãe, acredita-se em que uma nova oportunidade estava se abrindo para ela e isto era muito significativo, devido a que, nas mais das vezes, nestas congregações, as mães solteiras são julgadas e rejeitadas por terem ficado grávidas sem ter-se casado. “Elas não servem para serem esposas de pastores ou líderes de igrejas” ou, “Eles procuram mulheres virgens para se casarem”, menciona Tania. O que Tania não sabia e nem sequer imaginava era que sua vida estava sendo posta em risco. Essa possibilidade nunca passou pela sua cabeça.

Algumas perguntas que saltam á vista aqui são: porque ainda estas concepções estão ou ficam tão enraizadas no entendimento das mulheres em nossos tempos? O que faz com que os líderes (homes) nas comunidades sejam vistos ou colocados como super-homens ou até deuses? O que faz com que as lideranças das comunidades não tomem atitudes contra estas situações? Uma resposta pode ser a afirmação da Marshall quem diz que:

Sem respeitar idade, cultura, etnia ou riqueza, a violência contra as mulheres tem suas fundações na desigualdade de gênero e discriminação contra as mulheres. Em seu coração está o abuso de poder e controle sobre outro indivíduo. [...] Há claramente uma barreira para reconhecer a realidade da violência dentro das famílias da igreja. [...] á necessidade essencial de treinamento quanto à identificação e resposta ao abuso doméstico para os líderes da igreja, bem como para a congregação em geral. [...].¹³

E foi exatamente isso o que a Tania referiu no seu relato; que as mensagens que pregavam Luiz e os outros membros da comunidade eram muito lindas, que muitas pessoas sempre choravam e davam graças a Deus por eles. No começo, diz que ela também admirava a forma como eles pregavam, mais que com o tempo foi se decepcionando e até se sentia mal porque na sua casa, ainda que fosse a esposa de um dos líderes, todo era diferente. Sua historia, sua realidade era diferente; em nada coincidia com as mensagens pregadas pela liderança e pelo seu marido desde o púlpito. Para

¹³ MARSHALL. 2018.

ela já nada era igual e aguentava calada. Além disto, o maior “golpe” foi escutar o conselho da liderança da comunidade, quem a motiva a voltar com seu abusador sob a premissa do casamento ser pra toda a vida, não podendo o homem, e muito menos a mulher, desunir o que Deus tinha unido; caso contrario, ela estaria desobedecendo a Dios e até Ele poderia castiga-la por isso. Para piorar a situação, o texto bíblico aqui é utilizado como um elemento de opressão, de dominação de parte da lideransa da comunidade que, além de reforçar a atitude violenta do líder Luiz, reforça a situação de opressão já vivida por Tania.

Na pesquisa da Marshall isto é apresentado da seguinte forma: A combinação do uso, do mau uso e o mau entendimento das Escrituras pode fornecer um ambiente tóxico para que o abuso continue e para uma vítima ficar mais tempo, mesmo quando não é seguro. Esta combinação pode aparecer como: "se eu só orar mais, me submeter mais...", "meu marido é a minha cabeça e eu deveria obedecê-lo", "o divórcio é errado." Esta combinação pode fazer com que a mulher ore e espere para que seu marido seja transformado, enquanto ele continua a abusar dela, colocando assim sua vida em risco. Em essência, essa situação pode ser chamada de "esperança assassina."¹⁴

A linguagem utilizada aqui pela liderança é usada, geralmente, mas não exclusivamente, pelas comunidades fundamentalistas e pentecostais, onde ainda hoje o texto bíblico e colocado como base imutável em relação aos comportamentos dos fieis. Uma linguagem que, muitas vezes, sem ter em consideração qualquer método hermenêutico, são aplicados a diversas situações e episódios do dia a dia segundo a conveniência. Em palavras de Libanio, “preocupa-se com a formulação rigorosa dos termos, sem perguntar-se pela inteligibilidade no momento atual”¹⁵ desta forma, e como ele mesmo afirma “A Bíblia se torna brinquedo lançado de um lado para outro, ao sabor das conveniências”¹⁶ e além, deixa perceber sua eclesiologia centrada na imagem do líder máximo.¹⁷

¹⁴ MARSHALL. 2018.

¹⁵ LIBANIO, Carlos, Linguagens sobre Jesus. São Paulo, Paulus: 2011. p. 17

¹⁶ LIBANIO, 2011, p. 73

¹⁷ LIBANIO, 2011, p. 82

Como se pode perceber, em momento algum é considerada a situação de opressão nem a necessidade de libertação de Tania, nem seus direitos de respeito e proteção, e muito menos, seu direito à dignidade. Sem sequer saber Tania estava, mais uma vez, sendo vítima de outra violência, a institucional. Marcela Lagarde y de los Ríos menciona que “A violência contra as mulheres é de distinta índole e adquire diferentes manifestações de acordo com quem a exerce, contra que tipo de mulher, e a circunstância em que acontece.”¹⁸

Aqui o que está em jogo não é a imagem da comunidade, nem da sua liderança, nem da doutrina da igreja. O que está realmente em jogo é a própria vida da Tania, mais neste caso parece notório que não há um interesse de parte da liderança pela pessoa, mais sim, pela aparência e a conservação do status quo da liderança e a preservação do poder opressor. Tania se sentiu num beco sem saída, pois, como ela mesma expressou: "Quem era eu para me revelar contra a palavra de Deus? Eu me sentia muito mal. Assim que decidi não voltar mais, já não me importava o que as pessoas falassem".

Em compensação a esta situação, a nova comunidade onde Tania começou a trabalhar mostrou não só uma linguagem mais liberadora e crítica, mas também, ações mais compassivas e acolhedoras para com ela. É de reconhecer que um aspecto muito importante foi à valentia e o desejo da Tania de superar a situação. O fato de não se conformar com o discurso opressivo e suas críticas a respeito da sua situação sempre foram muito profundas.

O caso da Tania faz parte de aqueles que são conhecidos pelas autoridades eclesiais, mas mesmo assim são invisibilizados e/ou menosprezados, permitindo com essa atitude o desprezo pela vida, em favor das aparências, das injustiças e da morte. Em palavras da Meneghel, citada por Krob, poderia se dizer que isto é uma forma de vulnerar a pessoa, minar a sua autoestima, autoimagem e sua vida em geral. A fragilização e vulneração decorrentes das violências incluem efeitos permanentes na autoestima e autoimagem, deixando as mulheres com menos possibilidade de se proteger, menos seguras do seu valor, e mais propensas a aceitar a vitimização como

¹⁸ LAGARDE y de los Ríos, Marcela. Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 5 ed. México: UNAM, 2005, p. 259. “ La violencia contra las mujeres es de distinta índole y adquire diferentes manifestaciones de acuerdo con quién la ejerce, contra qué tipo de mujer, y la circunstancia en que ocurre” (Tradução nossa)

sendo parte da condição da mulher [...] O impacto [...] ao longo do tempo parece ser cumulativo.¹⁹

RECUPERANDO A DIGNIDADE “DAS TANIAS”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NAS COMUNIDADES ECLESIAIS

Quando Tania chegou a trabalhar na nova comunidade, vestia saias cumpridas e seu cabelo, meio desalinhado chegava até o quadril. Sua atitude era de submissão e parecia possuída pelo medo. Era muito calada e seu rosto refletia a dor e a tristeza que levava por dentro. Qualquer solicitação que se lhe fizesse era tomada quase como uma ordem, que tentava cumprir á menor brevidade possível. Ela vivia em função dos outros. Devido ao seu novo trabalho como faxineira, Tania passou a ser uma participante involuntária das atividades que desenvolvia esta congregação. (Esse foi o começo do contato com a historia desta corajosa mulher). Ela diz que sem se decidir a participar aberta ou diretamente, começou a se interessar pelo que era falado e feito nessas reuniões e com o tempo, começou a perceber nessas atividades algo diferente. Segundo ela, ali, nas reuniões, não se falava de ser submissas e obedecer cegamente os conselhos ou as mensagens dos lideres da comunidade. Falava-se de ser crítica e de questionar. Falava-se do respeito ao marido, sim, mais também, do valor e dos direitos das mulheres. Falava-se também de mulheres da Bíblia de forma diferente a como se falava lá na outra comunidade e isto foi o que inicialmente chamou sua atenção e a motivou a querer saber mais. Daí em diante, e, cada vez que seu trabalho o permitira, participava das atividades desta nova congregação, mas advertia que era sem nenhum compromisso.

Nas conversas, começou a fazer comentários em relação a como era a situação lá na igreja de onde participava antes. Numa delas, confessa que sua mudança começou quando percebeu a dinâmica aqui, nesta congregação onde agora trabalhava e conta que depois de um bom tempo, foi que decidiu solicitar se poderia marcar um encontro para falar com uma das lideres, contar sua

¹⁹ KROB, 2017 p. 35

historia e procurar ajuda para sua situação. Foi marcado um primer encontro fora do expediente e depois vieram outros encontros. Segundo ela, era “legal” falar com alguém.

No tempo de convívio, Tania foi deixando esboçar de novo o seu sorriso e, com o tempo, pouco a pouco sua autoestima começou a voltar. Agora participava mais ativamente das reuniões de mulheres, quando seu horário de trabalho o permitia e parte do questionamento que fazia era, por que se nas duas igrejas usavam a mesma Bíblia, por que eles lá pregavam tão diferente? Contou que antes de se casar com Luiz não assistia a igreja nem uma, usava minissaia, se arrumava bem linda e saia a dançar com amigas e amigos. Depois tudo mudou. "Sentia falta de me arrumar como antes, mas Luiz, meu esposo, ele não gostava e eu terminei aceitando. Agora eu era uma mulher casada, dizia". Ah, e lá os homes e as mulheres sentavam de lados opostos na hora do culto, até os que eram casados. As mulheres não podiam usar calça, nem maquiagem; as saias deviam ser cumpridas e de preferencia até o tornozelo e não podiam cortar o cabelo, entre outras tantas proibições. Aqui é diferente, as pregações são diferentes e até as mulheres podem pregar. Lá elas nem podiam subir ao púlpito; era proibido. Aqui há mais liberdade. Todas estas diferenças permitiram a Tania perceber como algumas crenças iam-se quebrando, mudando.

As reuniões do grupo, nesta nova congregação, não faziam parte de um programa continuo estabelecido na igreja, mas o que sim se pode mencionar é que nessa comunidade havia um grupo de mulheres com uma sensibilidade especial, diferente frente a esta realidade tão cruel. Elas, intencionalmente, direcionavam as reuniões para animar a que aquelas mulheres que se encontrassem numa situação de violência, qualquer que esta fosse, pudessem sentir a confiança de falar, de se sentirem ouvidas, valoradas e acompanhadas. No caso da Tania as mudanças começaram a ser cada vez mais perceptíveis. Estas atividades ajudaram a Tania a encontrar o caminho rumo a sua libertação.

O exemplo desta iniciativa mostra que é possível, sim, oferecer alternativas a situações de violência, e que a comunidade deve estar atenta nesse sentido. Como menciona Marshall: “As primeiras ações que as igrejas

podem tomar são: reconhecer a realidade das estatísticas e reconhecer que o abuso doméstico e a violência contra as mulheres acontecem também nas igrejas.”²⁰

Em muitas comunidades, por vezes, são usados textos bíblicos para promover mensagens abusivas, distorcidas e tiradas do contexto²¹, condenando às mulheres a viverem em situações extremas de violência física, emocional, sexual, institucional, etc., e esta era uma característica percebida na antiga comunidade da Tania. Estas ações afetam negativamente a qualidade de vida não só das mulheres, limitando-as e impedindo-as de participar com liberdade dos diversos espaços na sociedade; mas gera consequências para seus filhos, filhas e familiares assim como também, para o entorno comunitário, laboral e conseqüentemente para a sociedade em geral. Este foi o diferencial que atraiu a atenção da Tania na nova comunidade, já que aqui a intenção era questionar essas atitudes opressivas.

Ao respeito Marshall aponta: “Fazer com que líderes e pastores usem teologia e sermões para desafiar o abuso pode fazer toda a diferença para uma vítima ou um sobrevivente, e pode desafiar os perpetradores de abuso, que podem muito bem estar sentados na congregação.”²²

Como comunidades cristãs que trabalham pela justiça, a liberdade e dignidade das pessoas menos favorecidas, excluídas e discriminadas, entre as quais se encontram as mulheres. Temos varias opções pela frente, mas só uma escolha a fazer em meio a essas diversas opções que se podem apresentar. As opções: 1. Ser conivente, fechar os olhos e continuar compactuando com a violência em favor de ganancias pessoais. 2. Ignorar a questão e não fazer nada, “deixar tudo nas mãos de Deus”. 3. Usar o texto bíblico para julgar e subjugar as mulheres em favor dos espaços de poder ou 4. Enfrentar a dura realidade de que o abuso doméstico está em nossas igrejas

²⁰ MARSHALL, 2018.

²¹ Outros textos usados com o mesmo propósito são “A mulher não tem poder sobre o seu próprio, e sim o marido” (1ª. Cor. 7:4) ou “Assim, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive” (Rom, 7:2) entre outros tantos. “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja...” (Efe, 5:23-24). Bíblia Sagrada Fonte de Bênçãos. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revisada e atualizada 2ª edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 1988-1993

²² MARSHALL, 2018.

também e começarmos a desafiar e mudar a cultura do abuso e da aceitabilidade dentro delas. A escolha é clara. Cabe a nós escutar, mudar as hermenêuticas, as linguagens, as metodologias, as rotinas, os pressupostos teológicos, enfrentar e denunciar os abusos. Como bem continua a dizer Marshall:

As lideranças da igreja têm a responsabilidade de ensinar bem e abordar claramente a teologia, confusa ou erroneamente aplicada. Isto é particularmente relevante, e pode salvar vidas, quando se trata da violência doméstica. Pastoras e Pastores precisam estar cientes da combinação tóxica de teologia mal interpretada de submissão, perdão e divórcio que pode deixar uma mulher se sentindo impotente, incapaz de manter a si mesma e as crianças seguras, em um relacionamento onde seu marido está escolhendo abusar dela. Subconscientemente ou inadvertidamente, a igreja pode colocar a instituição do casamento acima da própria vida, dizendo que a esposa deve ficar com seu marido abusivo, colocando-a em risco de sofrer mais danos e, pior ainda, de morte.²³

Algumas das estratégias específicas utilizadas no acompanhamento a Tania incluíram entre outras coisas:

1. Reconhecimento das diferentes formas do exercício de poder. A análise e reflexão das diversas formas do exercido o poder, tanto negativa quanto positivamente, nas esferas cotidianas da vida social e eclesial, permitiu o reconhecimento de algumas das suas próprias experiências, principalmente as vividas dentro de sua comunidade anterior, em relação com os esquemas opressores tradicionais presentes no dia a dia.

2. Convite a assumir o papel protagônico da sua própria vida. Usando exemplos de algumas mulheres, presentes nos textos bíblicos, que foram reconhecidas, humanizadas e liberadas por Jesus e não desprezadas nem condenadas por ele. (Samaritana, Jo, 4:1-18; Mulher pega em adultério, Jo, 8:1-11; Cura da mulher encurvada. Lc, 13:10-17; Cura da mulher com fluxo, Mc, 5:25-34, entre outros.)

²³ MARSHALL, 2018.

3. Promoção da autoestima. Tania foi orientada a se reconhecer na sua própria sexualidade e a dar valor ao fato de se negar, sem se sentir culpada; a decidir sobre seu próprio corpo.

4. Convite a participar das reuniões de mulheres da comunidade, como uma possibilidade de compartilhar e conhecer das realidades de outras mulheres, quiçá na sua mesma situação.

5. Estudo da palavra em perspectiva liberadora. Tania foi motivada a perceber algumas das mensagens ocultas que tentam afirmar as estruturas opressoras na vida das mulheres, como uma situação que não era singular nem única naquela comunidade ou da liderança, mas como uma situação decorrente do sistema machista patriarcal, e a rejeitar os conceitos tradicionais de opressão utilizados desde o púlpito para oprimir as mulheres.

6. Orientação interdisciplinar. Tania também foi orientada a procurar ajuda específica nas áreas do direito de família, assim como ajuda psicológica para ela e seus filhos, para trabalhar os traumas decorrentes do abuso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, e não menos importante, é fundamental que a mulher seja considerada e respeitada como a pessoa autónoma que é, por direito próprio; como agente cultural, social e económico ativo e não só mente como um apêndice da sociedade androcêntrica. Nesse sentido, uma das principais ações consiste em que a igreja reconheça a necessidade de falar que a Escritura não pode ser usada para justificar a violência. A igreja está chamada a ser parte da resposta, da solução e não do problema, por tanto, é chamada a promover o trabalho conjunto de homens e mulheres para acabar com a violência contra as mulheres.

Também é necessário que as mulheres sejam vistas e/ou percebidas, dentro das famílias, comunidades e sociedades, como agentes responsáveis, co-construtoras de uma sociedade mais igualitária. Sendo assim, e essencial reconhecer que quebrar alguns mitos e tabus, neste sentido, requer de uma mensagem clara e contundente, no sentido de que todo e qualquer tipo de violência contra qualquer pessoa é errada e deve parar. Faz-se urgente, então,

que, neste caso, as mulheres recobrem a sua dignidade; dignidade esta, que, vem sendo desrespeitada e invisibilizada ao longo dos tempos.

Outro assunto relevante consiste na escuta empática, onde se dê a possibilidade de contar da sua experiência sem constrangimento, com confiança e sobre tudo, sem afirmações questionadoras frente a seu agir como mulher e/ou mãe. Este espaço deve permitir a fala, o questionamento, assim como a rejeição e também, a afirmação de muitas das experiências vivenciadas; deve permitir os choros e as alegrias produtos dos novos descobrimentos; em especial, com aqueles que trazem motivações para acreditar no amor próprio e no amor de Deus para com a pessoa.

Devem-se promover espaços para trabalhos mais concretos, de desconstrução e reconstrução de paradigmas, significados e situações; palavras e atitudes muitas vezes usadas, como elemento de opressão, mas que podem abrir novas possibilidades de luta por seus direitos, por exemplo, os direitos jurídicos em relação ao seu divórcio, ao mesmo tempo em que se foca na recuperação da sua autoestima. Neste ponto o estudo e análise de textos bíblicos específicos desde uma perspectiva feminista e libertadora foi fundamental.

O trabalho com a Tania durou 3 anos e meio. Com certeza não foi 100% perfeito, mas sim eficaz, no sentido de evitar a continuidade da violência, na motivação duma consciência crítica frente a vários aspectos da vida eclesial, na motivação e procura de ajuda para a conquista dos seus direitos, na recuperação da sua autoestima e principalmente, na conservação da sua vida.

REFERÊNCIAS

Livros

LAGARDE y de los Ríos, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 5 ed. México: UNAM, 2005.

LIBANIO, Carlos, *Linguagens sobre Jesus*. São Paulo, Paulus: 2011.

Sites na internet

VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6., 2019, São Leopoldo.

Anais do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 6, 2019. | p.592-609

Cifras&Conceptos. Disponível em: <http://cifrasyconceptos.com/wp-content/uploads/2016/10/Panel-de-opini%C3%B3n-2016-VF-2.pdf?8ab3a8>. Consultado em 19 de nov. 2018

DataSenado pesquisa 2017. Disponível em: <http://www.justicadesaia.com.br/pesquisa-data-senado-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-2017>. Consultado em 19 de nov. 2018

El Espectador Colombia. Más de 70 mil casos de violencia intrafamiliar entre enero y noviembre de 2017. Disponível em: <https://www.elespectador.com/noticias/nacional/mas-de-70-mil-casos-de-violencia-intrafamiliar-entre-enero-y-noviembre-de-2017-articulo-728844>. Consultado em 15 de março de 2019.

El Tiempo Colombia. <http://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/el-tiempo-es-el-medio-de-informacion-preferido-por-los-lideres-de-opinion-148266>. Consultado em 15 de março de 2019.

MARSHALL Mandy. Violência Contra Mulheres – Nas Igrejas Também. Disponível em: <http://aliancaevangelica.org.br/index.php/recursos/noticias/261-violencia-contra-mulheres-nas-igrejas-tambem>. Consultado em: 8 de abril de 2018.

NEUENFELDT, Elaine. “Por que falar de Violência contra as Mulheres na Igreja? Este é um assunto que tem a ver com a nossa vida de fé?”. Disponível em: <https://medium.com/@diaconiabr/artigo-porque-falar-de-viol%C3%Aancia-contra-as-mulheres-na-igreja-cb3aed08eae8>. Consultado em 15 de Março de 2018.

ORTIZ, María Isabel. Femicidios han crecido un 125% durante el 2017 en Medellín. Disponível em <http://www.eltiempo.com/colombia/medellin/femicidios-han-crecido-en-medellin-94574>. Consultado em: 15 de março de 2018.

Teses e dissertações

KROB, Daniéli Busanello. *Desconstruindo Amélias: musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista*. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo: 2013.

_____. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/765/1/krob_db_td158.pdf.